



OPERÁRIOS TÊXTEIS:

ESTE JORNAL É VOSSO. UTILIZAI-O COMO PORTA-VOZ DAS VOSSAS RECLAMAÇÕES E DAS VOSSAS LUTAS.

DIVULGAI-O ENTRE OS VOSSOS COLEGAS.

ENVIAI NOTÍCIAS DO QUE SE PASSA NAS EMPRESAS ONDE TRABALHAIS.

A DEMAGOGIA DO MINISTRO E O TRABALHO FEMININO

Com grande espanto, foi afirmado pelo ministro das Corporações que o futuro « Contrato Individual de Trabalho » garantirá às mulheres, « com igualdade de condições e de rendimento do trabalho, a mesma retribuição dos homens ». Isto, segundo diz o ministro, « de acordo com as convenções internacionais ». Se acreditássemos nas palavras do ministro fascista, passaria a ser satisfeita uma importante reivindicação das mulheres trabalhadoras: « Para trabalho igual, salário igual ». Mas não. Trata-se simplesmente de artigo de exportação. É que as tais convenções internacionais exigem realmente que, independentemente do sexo, por trabalho igual seja pago salário igual; exigem que as mulheres sejam poupadas a trabalhos violentos; exigem a protecção às mulheres grávidas e às mães trabalhadoras; exigem a abolição do trabalho infantil acima das suas posses; exi-

gem, enfim, uma infinidade de coisas que o governo salazarista não satisfaz.

Acontece que ultimamente os seus representantes têm sido escorraçados de vários organismos internacionais precisamente por as referidas cláusulas não serem por ele cumpridas. E vai de cozinhar um decreto-lei, que depois fará divulgar no estrangeiro, em que se dê satisfação (no papel) às ditas convenções internacionais.

Mas as mulheres têxteis, que

ganham salários miseráveis, que são frequentemente encolalhadas na sua dignidade, que vêm frequentemente os seus salários diminuídos por multas e castigos desumanos e injustos, sabem bem que dos fascistas nada virá sem luta. Sabem bem que este decreto não é para ser cumprido. As mulheres têxteis, que tão bem conhecem aquelas máquinas que os patrões têm para medir o tecido fabricado, as quais são por estes reguladas de

(continua na pág. 2)

TEXTEIS DA FABRICA DO LOREDELO LUTAI CONTRA OS DESPEDIMENTOS !

Não há muito tempo, assistimos num combóio a uma conversa entre dois colegas têxteis que moram nos arredores do Porto, que não conhecemos pessoalmente, mas em cuja conversa nos acabámos por meter também, pois o as-

sunto de que falavam não interessa apenas àqueles dois homens, mas a toda a nossa classe.

Apenas para os distinguirmos, pois não sabemos os seus nomes nem os divulgaríamos se os soubéssemos, trataremos um por Manuel e outro por António.

Seguia o Manuel com cara de aborrecido, pelo que o António lhe perguntou:

— Então, também te calhou ?

— É verdade, respondeu o Manuel. Despediram-me ontem. Dizem que a fábrica foi vendida a uns suíços, que vão meter máquinas modernas e que metade do pessoal vai embora. Qualquer dia é tudo dos estrangeiros! Já pouco falta!

— E já despediram muitos? Perguntou o António.

— Comigo, são já mais de 30. Mas fazem a coisa com manha. Hoje despedem 4, amanhã despedem 5 ou 6 e assim vão indo para não provocarem grande descontentamento ao mesmo tempo.

— Pois é, mas vocês o que fazem ?

(continua na pág. 2)

O PESSOAL DA INTERCORTE REGLAMA

A Intercorte-Fábrica de Confecções, Lda. é uma importante empresa com fábrica de confecções em Matosinhos e com secção de malhas na rua Manuel Pinto de Azevedo (junto à Via Rápida), no Porto. No conjunto, explora o trabalho de mais de 1.000 operários, na sua quase totalidade mulheres.

Nesta empresa, passam-se factos contra os quais os operários reclamam e muito justamente:

— As idas à retrete são um verdadeiro suplício. Ninguém lá pode ir mais que uma vez por dia nem demorar-se mais que 10 minutos. Algumas operárias choram. Há casos de desmaio. As reclamações não são atendidas. Em vez disso, a gerência distribuiu cartões que têm

de ser apresentados quando se pretende fazer qualquer necessidade e que um polícia reformado, expressamente contratado pela empresa para o efeito, fura para efeito [de controle.

— Na empresa, existe um refeitório. Mas só o pessoal superior o pode utilizar. Os operários comem numa sala sem nenhuma condições para o efeito.

Contra estes e outros factos, têm os operários reclamado, mas até aqui sem conseguirem ser atendidos.

OPERÁRIOS DA INTERCORTE, FORMAI UMA COMISSÃO E DAI À VOSSA LUTA UMA FORMA ORGANIZADA! As vossas reclamações são justas, mas sem unidade e organização nada conseguireis!

O «TÊXTIL» PRECISA DE COLABORAÇÃO

É uma afirmação que, com certeza, não surpreende ninguém. Todo o jornal precisa constantemente de colaboração, se quiser aparecer com regularidade. Mas não basta a um jornal a regularidade; isto é, talvez, o secundário. O que é necessário é fundamental: a variedade, a actualidade, a exactidão e boa informação. Mas isso, um jornal não obtém de uma simples folha que aparece de vez em quando e que os passados têm com a mesma desinteresse e com que ouvem uma história mil vezes contada. Se um jornal quiser ser alguma coisa que se para com antiedade, cuja presença se dá de certas informações, se procuram, e cuja orientação se aliando com entusiasmo, então precisa de procurar, além da regularidade, também, e principalmente, a vivacidade, a actualidade, a informação exacta e variada.

O «Têxtil» é o jornal da classe, o jornal de todos nós que trabalhamos na indústria têxtil. No entanto, nem todos compreendemos a importância que o «Têxtil» tem para a classe e as necessidades de colaboração que acima se apontam, as quais são de qualquer jornal e, portanto, também do nosso.

O «Têxtil», como órgão de informação e mobilização da classe, precisa também de ser regular, bem informado, actual, vivo. Esta regularidade, informação, actualidade, nunca poderá ser, é claro, a que um jornal legal tem ao seu alcance. Todavia, o «Têxtil» poderá e deverá ser mais regular, mais bem informado e mais vivo. E se não se todos tivermos a devida noção da sua importância para o esclarecimento da classe, para as suas lutas e conquistas, é necessário, em todos os pontos de uma pequena cidade, tenha uma larga rede de colaboradores, espalhados por muitas e muitas fábricas. Verdaderamente, cada operário têxtil consciente deverá sentir-se um colaborador do nosso jornal e colaborar efectivamente.

Como é mais simples do que pode parecer. Tudo se tornará difícil se cada um se limitar na obrigação de fazer literatura e artigos de grande extensão e profundidade. Mas toda a dificuldade desaparecerá se cada qual resolver lançar no papel, de modo simples, directo, ao correr das ideias, aquilo que pensa, as informações que tem a prestar, as sugestões a fazer, etc.

Por exemplo, não falarem nós todos os dias com os nossos camponheiros de trabalho ou com outros, em casa com as nossas famílias ou na roda dos nossos amigos, do que se passou na fábrica? — É claro que sim! Pois bem, façamos isso precisamente, mas fazendo - o para o «Têxtil», escrevendo - o.

Resumindo, neste apelo, segundo este caminho, tem-se a certeza de que o «Têxtil» se tornará melhor como jornal e como mobilizador e orientador do classe. O seu número de leitores aumentará, a sua influência será visivelmente maior. A classe estará mais esclarecida, mais bem informada, mais unida - porque o seu elo de ligação, o «Têxtil», melhor desempenhará a sua tarefa. E, por consequente, as melhores condições estarão a classe para travar os suas lutas contra o patronato e o fascismo, por melhores condições de trabalho por melhores condições de vida, pela democracia.

O «TÊXTIL» PRECISA DE COLABORADORES. Que todo o operário consciente das suas obrigações compare ao seu dever, laborando. Amigo, sim, tu próprio que neste momento nos lêes, ajuda - nos, ajuda o teu jornal, envia-nos a tua colaboração.

NA ZONA TÊXTIL DA CUF (BARREIRO)

Paralisação de 15 minutos

As mulheres que trabalham na Secção de Fiação (mais de 100), ao tomarem conhecimento em Fevereiro, de que os seus ordenhos haviam sido reduzidos em 4300 por dia por lhes ter sido cortado o prémio denominado de «mérito», fizeram uma paralisação que durou 15 minutos e reclamaram contra o facto junto do delegado da Zona Têxtil na C.U.F.

A melhor luta contra factos deste género é exigir a integração do «mérito» no «salário». Essa deve ser a exigência de todos.

Solidariedade operária

Em Fevereiro, 3 operários da brigada de conservação da Secção de Fiação foram castigados. Considerando o castigo injusto, os restantes operários da brigada cotizaram-se e replezaram-lhes o salário.

A solidariedade operária deve ser estimulada e desenvolvida. Mas, em futuros casos deste género, deve tal solidariedade orientar-se no sentido de, em comum com os castigados, todos os operários exigirem a anulação do castigo e que a empresa pague o salário por inteiro.

A DEMAGOGIA DO MINISTRO

(continuação da pág. 1)
forma a marcarem 10 metros quando os operários produziram 12 ou 14, estão já a ver que será por processo idêntico que lhes será de futuro negado salário igual ao dos homens, quando o reclamarem, isto é, os patrões passarão a dizer que só não pagam salários iguais porque elas produzem menos.

Mulheres têxteis, se quereis acabar com salários de 12800, de 16500 ou de 20500, 24500 e 28800 que hoje ainda ganhais (tanto ou menos que o preço do lanche da mulher ou do filho do patrão), teréis que lutar! Mas unidas, porque individualmente nada conseguireis.

NA FEX (ALHOS VEDROS)

Os operários desta empresa fizeram em Fevereiro uma tentativa de paralisação de trabalho, para exigir aumento de salário. Porém, após alguns minutos de hexitação, todos retomaram o trabalho sem terem chegado a apresentar a sua reivindicação.

Comaradas da FEX, deveis criar uma Comissão de operários prestigiados que dirija a vossa luta e prossiguir até à vitória na reclamação de aumento de salário.

LUTA CONTRA OS DESPEDIAMENTOS

(continuação da pág. 1)
«... Não, não fazemos nada, pois que podemos nós fazer?»

Enão o nosso camponheiro respirou fundo, como que a tomar fôlego e disse - lhe:

«... O que podemos nós fazer? Assim, com estas mãos, não podemos fazer nada, porque já estão a dar-nos por vencidos. Mas se vos unirdes todos, os que foram despedidos ontem com os que foram despedidos hoje e com os que foram despedidos amanhã, se vos concentrardes à porta da fábrica, se exalardes continue no trabalho, as coisas já se passarão doutro maneira!»

Por aqui, como intervimos:

«... Tem razão este nosso camponheiro, disse-me é precisamente como ele diz que deveis fazer. Além disso, se não fordes atendidos, haverá falta com os vossos colegas e fazer-lhes ver que também eles podem ser despedidos daqui a 2 ou 3 dias e que por isso é de seu interesse que se juntem a vós e que indas em conjunto exijam que ninguém seja despedida. Há alguns exemplos muito bons que se faz nas outras fábricas e sempre que os trabalhadores se mobilizaram unidos, firmes e organizados, venceram»

O Manuel animou-se um pouco e disse:

«... Pois é, vocês têm razão. Vou falar com os outros e ver se lhes consigo fazer compreender que enquanto estivermos desunidos fazemos tudo o que os patrões e a polícia nos pedem e não nos defendemos o nosso pão e o dos nossos filhos».

Quando nos separámos, já o Manuel tinha um ar mais alegre. Pensava em como organizar a luta contra os despedimentos.

Não voltámos a encontrar este nosso camponheiro da fábrica do Lordele. Não sabemos a que se passou depois. Mas uma vez mais vos dizemos: «Seja contra os despedimentos, seja contra as multas e os castigos, seja para reclamar aumento de salário, organizal-vos e lutai! A unidade e a organização são as principais armas dos trabalhadores na sua constante luta contra o patrão».

TÊXTEIS DA FÁBRICA DO LORDELE, DESPEDIÇOS E NÃO DESPEDIÇOS, FORMAI UMA COMISSÃO PARA LUTAR CONTRA OS DESPEDIÇOS! HOJE POR ELAS, AMANHÃ POR NÓS!

OUVI A RÁDIO PORTUGAL LIVRE

AS 8 HORAS EM 25 METROS
AS 20 HORAS EM 32 METROS
AS 22.15 HORAS EM 32 METROS
AS 0.15 HORAS EM 36-40-43 METROS.